


Visado pela
Comissão de Censura


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano 12.º — N.º 311 — Preço 1\$00

AQUI, LISBOA!

O fim do ano pede sempre balancete aos que não constroem sobre areia.

Embora o dinheiro não seja preocupação primária do crente, e muito menos dos responsáveis das Obras de Deus, contudo, por ele se pode avaliar a cotação de que elas gozam no Céu.

É a nós mesmos que as contas espantam em primeiro lugar. Como é que, sem fontes de receita, sem indústrias nem negócios, lotarias ou tabelas, se consegue, numa casa destas, chegar ao fim do ano com um activo superior a mil contos?

Milagre no sentido teológico do termo — não é; mas presença sensível da Providência — isso sim! *Olhai os lírios do vale e as aves do céu*, como Deus as veste e sustenta! Também nisso não há milagre, mas quem pode negar a inteligente e providente prodigalidade do Criador?

E se ele é evidente para as aves do céu, e também para os farrapos da rua, que não poderiam esperar as famílias cristãs quanto ao número de filhos que Deus lhes desse, e quanto não poderiam esperar igualmente aquelas famílias (seminários, missões, etc.) exclusivamente consagrados à glória de Deus! Pena é que tantas se rejam pelas normas das companhias de seguros!

A Obra da Rua é um desmentido a todos os cálculos técnicos da economia humana. Onde outros falham ela triunfa. Onde outros triunfam ela desmente.

Há quem se queixe de nós, como se fizessemos monopólio da Caridade. Que se queixem de si mesmos, pela falta de fé. Uma coisa constatamos diariamente: — as nossas receitas provêm em grande parte de cofres que jamais se abriram e abririam para instituições de maior alcance que a Obra da Rua, isto é, de muitos corações rectos que nos confessam candidamente a sua incredulidade.

Spiritus spirat ubi vult.

x x x

A voz dos números é mais eloquente para quem só neles acredita. O volume total das contas que me passaram pelas mãos, foi superior, como disse, a mil contos. Destes, 390.600\$ foram para vestir e calçar e alimentar os 130 rapazes das ruas de Lisboa, o que dá a capitação de 8\$24. Quem nos acusa de perdulários, que faça a experiência e depois atire-nos pedras. 329 contos foram para as obras das oficinas e reparações; o resto para as onze casas do Património que directamente mandamos construir e outras tantas que subsidiámos.

As contas acusam um déficit de 1.638\$, que poderia meter-nos medo, logo no início do ano. Contudo mais uma vez a Providência se encarrega de nos mandar marchar tranquilos para a frente. Acaba de sair daqui um senhor que nos deixa nas mãos um cheque de 50 contos. É o North King do Panamá. Quando Deus quere, até da boca do peixe sai o tributo!

Veio na hora própria este auxílio. Pronto o edifício, impõe-se a aquisição de maquinaria para as oficinas. Quanto nos vai custar a montagem da tipografia, serralharia e carpintaria mecânica?!

Mas quem chegou até aqui sem temor, há-de avançar com audácia. Mas Deus connosco!

x x x

Seguem-se os votos e as desobrigas do Ano Novo. Por aqui os retribuimos, ou antes, pedimos a Deus que retribua, sobretudo aos que maior amor e sacrifício põem na sua oferta. Uma palavra de simpatia e de gratidão também aos que não são aqui mencionados por deficiência de memória ou escrituração.

140\$ de Entre-Campos; 50\$ de Luanda; 50\$ e mais 100\$ da mesma cidade. Os envelopes são iguais; trata-se de funcionários públicos; 250\$ de Entre Campos, produto do trabalho do domingo; 600\$ do casal de S. Jorge; 1.652\$ do fornecimento de materiais para as casas do Património. 200\$ da Cecil, mais 100\$ dum *dinamarquês amigo dos gaiatos* e 5.000\$ dum família cristã ligada aos antecedentes, que todos os anos nos dá esta participação nos lucros; 1.900\$ dos nos-

(Continua na 3.ª página)

No Amor de Cristo

A Caridade é o laço que une o Corpo Místico de Cristo, de que somos membros. Onde não existir, aí a morte. É o distintivo dos Discípulos do Mestre. Por ele serão reconhecidos, premiados ou condenados eternamente. Cristão que vivia egoistamente, esquece o sentido da sua vocação, segundo a qual deve amar e imitar Cristo. Ora Ele deu a vida pelos seus irmãos. Igualmente, devemos dar a vida por Ele e uns pelos outros.

Foi há anos. Aquela mulher era muito pobre e doente. Vivia sôzinha com Deus. Se pertencia à Acção Católica eram as companheiras que lhe pagavam as cotas. Ela não podia. Vivia de

Por longe que
ande nunca o
Pastor se ausenta de nós.



PRESENÇA

«Nós não havemos de desejar que haja miseráveis para nos permitirmos cumprir as obras de misericórdia. Tu dás pão a quem tem fome; mais valeria que ninguém tivesse fome e tu nada desses a ninguém. Vestes quem está nu; se todos tivessem seu vestuário, não haveria uma tal necessidade. Amortalhas quem morreu; venha enfim a vida em que já não se morre. Pões de acordo partes em litígio; que reine, enfim, a paz de Jerusalém, em que não há qualquer desacordo. Com efeito, todos estes serviços correspondem a necessidades.

Suprime os miseráveis; estarão cumpridas as obras de misericórdia. O fogo do amor extinguir-se-á então? Mais autêntico é o amor que deres a alguém feliz, que em nada poderá ser-te obrigado; mais puro será este amor e bem mais sincero. Porque, se te tornas credor da gratidão de um desgraçado, talvez desejes elevar-te diante dele e o queiras precisado de ti, ele que te proporcionou o bem fazer.

...Aspira a que ele seja teu igual. Ambos sereis submissos Àquele que não deve gratidão a ninguém».

Não é nenhum panfletário escrevendo no século em que o social é o centro dominante dos interesses, o prisma por que se vê. Quem subscreve estas palavras é simplesmente S.to Agostinho, comentando a primeira Epístola do

Apóstolo por excelência do amor: João Evangelista.

Se alguém duvidava da constante doutrina da Igreja sobre a Caridade, ficará sabendo que tudo quanto hoje se diz da sua missão de realizadora da Justiça, não é descoberta nova, requerida pelo último figurino das ideias; antes convicção enraizada em Agostinho e, muito antes dele, em João, em Paulo, em todos os mentores do pensamento cristão, desde Cristo a este ano da graça.

Que grande a Caridade!

Tamanha, que os homens, mesquinhos por natureza ou amesquinhados por paixões, não podem encarar-lá, que a sua luz os cega. E como, de cegos, não vêem, negam. Porém, é menos maléfica a negação dos que de fora negam, do que o desconhecimento e resultante minimização dos que de dentro afirmam. A grande maioria dos cristãos não tem consciência da dignidade excelsa da Virtude Maior. Desce o caminho fácil da misericórdia choradilha e cai redondamente na grande tentação de que fala o Doutor de Hipona:

«...talvez desejes elevar-te di-

ante dele e o que queiras precisado de ti, ele que te proporcionou o bem fazer.»

Pois não é assim a filantropia de tantas damas e cavalheiros de caridade?

Cheios de palavras de resignação perante o sofrimento alheio, eles, que previnem com o melhor sedativo uma banal dor de cabeça que possa incomodar, permanecem em ineficácia uma vida inteira a bem-fazer, porque em verdade não é a Caridade de Cristo, a que a Igreja guarda e ensina, que os anima. É a consolação egoísta de se dizerem «Descansa, minha alma, que viste hoje um pobre e deste tua esmola»... E a face da terra fica na mesma.

Caricaturas da Caridade é o que mais se encontra por aí. E as almas de fora, que não são mesquinhos por natureza nem amesquinhados por paixões; por isso mesmo sentem a paixão de afirmar — continuam negando, porque a Verdade de Cristo, que a Igreja guarda e ensina, é difícil de ver sob a vida deformada da grande maioria dos cristãos.

E no entanto a Igreja ensina desde Pedro a Pio o que Agostinho diz.

A Caridade é o princípio e o fim, tal como Deus, que é Caridade. E é também o meio, porque ela é o fruto da graça e a graça é o meio que brota de Deus para os homens alcançarem Deus.

Por isso, a Caridade não repousa em paleativos. Quer o remédio total, operante da cura total. Só esta lhe dá quietação. A Caridade é o princípio da Justiça.

Mas a Justiça é uma tarefa árdua. Não é obra de pusilânimes nem dos que não estão convictos, até à morte se precisa for-

(Continua na 3.ª página)

(Continua na 3.ª página)

Tribuna de Coimbra

Há ainda quem não acredite nas nossas contas. E quem olhar as coisas só pelas aparências, tem razão. Isto humanamente parecerá uma Babilónia. É uma torrente. Só são capazes de acreditar nelas os homens de boa vontade. Estes são sempre os que têm de figurar e são eles que equilibram as coisas. Já assim foi na noite de Natal quando os anjos em revoadas anunciavam o nascimento do Filho de Deus. Como então, ainda hoje só os homens de boa vontade podem acreditar. Os outros, não; desconfiam de tudo e de todos e até talvez deles mesmos.

Os nossos livros estão abertos e à disposição de quem queira; tudo ali tem lugar. Tudo menos o que entregamos a pobres, a doentes e aflitos. Disso não damos nem queremos dar contas e só o Pai do Céu regista.

Se de um momento para o outro o Justo Juiz nos chamasse a dar as nossas contas materiais, não nos afligiríamos com elas.

Depois disto e todos com muita confiança vamos ver o nosso movimento de 1955 na Casa de Miranda e no Lar de Coimbra.

A alimentação, vestuário, calçado, escola, medicamentos, mobiliário e para conservação das casas dos nossos 75 rapazes custou-nos 224.930\$. Construímos um amplo edifício de dois pisos para oficinas onde queremos instalar carpintaria, serralharia, sapataria, alfaiataria, barbearia e mais, e gastamos ali até esta data 75.363\$20. Pusemos dois poços a funcionar com engenhos em ferro e fizemos muros de vedação que nos custaram 17.300\$20. Construímos a torre da nossa capela que nos importou 4.216\$70. Ampliamos a nossa lavoura para colhermos mais pão, com a aquisição de uma propriedade que tem uma boa nascente de água, que ajudará aquela que já tínhamos. Mantivemos o funcionamento de vários turnos de colónias de férias na Senhora da Piedade, durante os quatro meses de verão. Ali fortaleceram o corpo e o espírito muitas dezenas de crianças pobres das ruas de Coimbra. Fora aquilo que foi de nossa casa, dispendemos 9.500\$. Quem souber contar, e hoje felizmente já quase todos os portugueses sabem, pegue num lápis e somará 331.310\$30.

Chegamos ao fim do ano e podemos fechar as nossas contas. Donde nos veio tanto? Em parte não o sabemos. Os nossos pequenos vendedores com o seu esforço, sacrifício e entusiasmo, calcando muitas vezes o piso das ruas de Coimbra, indo à Figueira, batendo às portas de Castelo Branco e Covilhã, percorrendo parte de Anadia, passando pelo Fundão, Tortozendo, Lousã e Miranda, trouxeram 79.785\$20. Foram ainda portadores das vossas encomendas e objecto do vosso carinho de que eles nos dão testemunho. Queremos distinguir o Pião, o Figueiredo (Saco), o Sardinha, o Manequim, o Cabouco e o Joaquim.

Os nossos rapazes que trabalham fora de casa, contribuíram para as suas despesas com 16.466\$60. A Assistência do Estado deu-nos 60.000\$. Batemos às portas de Santa Cruz, S. Bartolomeu, Sé Velha, Sé Nova, Carmelitas, Luso, Santa Catarina da Figueira, Monte Real, Nazaré, S. Martinho do Porto e S. Pedro de

Muel e depositaram nas nossas sacas 34.519\$80. A Câmara de Coimbra contemplou-nos com 5.000\$. Os restantes 133.655\$70 desconhecemos a origem, mas temos a certeza que tudo foi tocado pela Providência Divina.

Não descuidamos e até primariamente nos preocupamos com a parte moral e espiritual dos rapazes e chegamos ao fim do ano com a convicção que alguma coisa avançamos. Muitos se aproximam com muita frequência dos sacramentos. As primeiras sextas-feiras e primeiros sábados de cada mês são festejados. Fizemos a nossa Comunhão Pascal com muita alegria na Quinta Feira Santa. Todos os de mais de treze anos fizeram os seus exercícios espirituais de três dias na Senhora da Piedade.

Por tudo isto e por tudo aquilo que não fomos capazes de ver e sentir, demos todos muitas graças a Deus.

PADRE HORACIO

Mais o restante de 29 dólares e 79 centimos, para pagamento de assinaturas de Pai e filha. Mais 200\$ e 100\$ no Espelho da Moda, de mão que Deus conhece. E 20\$ do Porto. É pouco mas da melhor vontade. Mais 70\$ para duas missas, de Vizela. Mais 500\$ moçambicanos. Só agora me foi possível cumprir esta promessa, Deus sabe com que sacrifício, mas é sempre um prazer enorme ajudar os que precisam e cumprir o que se deve. Belo programa para quem parte em busca de melhor sorte. 50\$ por uma graça recebida. O assinante 7629 manda 300\$ para o destino que Pai Américo entender. De Vouzela 800\$ para as despesas da Casa do

A derradeira venda foi uma lástima. Abel, que levava ao Porto os rapazes na nossa furgoneta, deu por lá uma volta e pôde observar a falta de brio de muitos vendedores. Encostados, aos grupos, sem apregoar nem oferecer o jornal, sem sequer comparecerem nos lugares melhores às horas mais estratégicas — é impossível vender.

Ora Abel foi da venda 6 anos a fio e camisola amarela não sei quantos. Daí a sua dor daquela decadência. O assunto foi falado e passou-se à acção. Abel chamou à sua casa os doze vendedores e fez-lhes um rijo tribunal. Não sei que disse. Apenas sei que houve assunto para mais de uma hora.

Hoje houve de novo venda. Abel tornou ao Porto. Deu por lá uma volta. Não sei o que ele disse naquele longo e rijo tribunal. Apenas sei que os jornais desta vez não sobraram; que os vendedores acabaram mais cedo a sua venda; que vinham todos contentes.

E digam lá que a tarimba não é boa escola! Eu bem quis du-

VISTAS DE DENTRO

rante ano e meio não deixar ir abaixo.

Mas nunca vendi...

x x x

Esta iniciativa é um episódio da longa lista delas, em parte conhecida dos leitores.

Muita vez na nossa reunião de chefes me surpreendo das observações e do senso prático de alguns rapazes. Eu já não saberia governar sem eles. Por muito que a minha idade e posição me autorizem, há uma perspectiva que eu jamais lograrei ver. É a perspectiva deles, de rapazes que hoje, pela graça de Deus e pelo seu esforço, se conquistaram, mas que conhecem por experiência própria os problemas dos que estão ainda por conquistar e, sobretudo, sabem a sua reacção às nossas medidas.

Seria insensatez pensar que eles só bastariam. Mas não é menor a daqueles que apoiam unicamente na sua competência pedagógica e na sua maturidade, o

governo de uma comunidade de rapazes.

Eu andei na universidade. Em geral posso dizer que não vi por lá a decisão que aqui se encontra. Não nos deixavam lugar para ela. O universitário era um elemento passivo, que escutava lições e retorquia exames. E mais nada. Não lhes cativando o interesse eles não se interessavam... por falta de quê. E, ao sair, o licenciado seria um arquivo esplêndido de sabedorias, mas, em geral, não tinha a sabedoria elementar das coisas simples, porque jamais o tinham convidado, ou já sequer, deixado exercitar o senso comum.

E melhor exercício não há do que facilitar a colaboração no governo de outros àqueles de quem é lugar comum dizer-se que são os dirigentes de amanhã.

Muita vez, após a nossa reunião de chefes, surpreendido pelas observações e pelo senso prático de alguns rapazes, eu fico entristecido a meditar na pobreza de possibilidades daquela elite em relação ao nosso lixo, que aquela elite não quer nem sabe remover.

x x x

Estes dias tivemos cá um hóspede. Um jovem velho amigo, cuja amizade pode dizer-se hereditária. Apesar disso ele não nos conhecia bem, vistos de dentro. Levou daqui, portanto, muito que pensar.

Hoje de manhã à hora do café, mandou pedir-me o diário. O pequeno refeiteiro veio buscá-lo e ficou aguardando o fim da refeição.

Momentos depois nosso hóspede entrava entusiasmado no escritório onde eu via o correio:

— Os seus rapazes são formidáveis!... Imagine que vinha para cima e deixei o jornal em cima da mesa. O Melo pegou nele e veio até mim:

«Não me obrigue a ir lá acima. Leve o jornal, ande...»

Realmente, de sentido de ordem, de simplicidade e espírito prático não se pode exigir mais em rapaz de dez anos!

x x x

Porém, nem tudo são rosas. «Pombinha», do Lar do Porto, que os espectadores do Coliseu conhecem muito bem, teve de voltar à Casa Mãe para um período de cura, que Deus permita não seja muito longo.

Foi o caso que veio o Natal e com ele as consoadas. «Pombinha» é muito saltitante. Embora irrequieto e bastante cachopo tem simpatias. Eu não contava senão com a gratificação do emprego.

(Cont. na página três)

Do que nós necessitamos

Gaiato. Descanse que todos os dias às refeições e ao terço nós nos lembramos dos nossos benfeitores. 20\$ de Torres Novas. Mais 170\$ de Riomeão para as mulheres desgraçadas do Barredo. Se todos dessem assim acção de graças por um bom ano de negócios, sempre seriam menos as mulheres desgraçadas dos barredos. Mais uma promessa de V. N. de Famalicão, 100\$. Outra promessa de 100\$ de Envendos e 20\$ para Missa pelas almas do Purgatório. 70\$ da Murtoza. Mais 50\$ por alma de um filho que-

rido. 150\$ de um assinante da R. Oliveira Monteiro. De Lisboa, uma gotinha de água a acrescentar a outras, 50\$. 20\$ de Coimbra para o sapateiro que tem muitos filhos. Mais 40\$ para os nossos irmãos do Barredo. Ora aqui está uma afirmação de vitalidade cristã. Mais 100\$ e peço desculpa deste ano ser tão pouco, mas passei de solteiro abastado a pelintra casado... Deus o ajude daqui em diante como o ajudou a dar o passo da sua vocação: de um estado mais propício ao egoísmo a outro mais fértil em caridade. Mais, no Lar, 200\$ para a Casa do Gaiato, de quem deixou outros 100\$ para o Património. Mais camisolas, cachecol e meias de lã. E cintos e suspensórios e chinelos e porta-moedas e carteiras e retalhos de cabedal... Tudo coisas muito apreciadas pelos cidadãos da nossa aldeia. No Lar três peças de riscado e um grande lote de roupas brancas para rapaz e dois pares de sapatos em muito bom uso. De uma Mãe para «outra mãe», 20\$. É de Lisboa, através de uma amiga da primeira hora. Mais 100\$ de uma neta cumprindo promessa da avó, recentemente falecida. Pedrógão Grande com 20\$. Outro tanto para sufragar a alma de Alexandre. O pessoal da Fábrica de Tabacos «A Portuense» não desarma. Oficinas e Contabilidade mandam 2.000\$ referentes ao 2.º semestre de 1955. E a procissão continua até ao primeiro domingo de Julho em Paço de Sousa, se Deus quiser. 525\$ de uma promessa a S. Judas Tadeu. 50\$ e 220\$ por outra vez, da mesma pessoa, em cartas com o dinheiro e mais nada. Salário da 1.ª semana de trabalho do marido após seu desastre, 94\$90. Santarém manda 100\$. Da rua José Falcão 200\$. 50\$ pela graça de uma promoção. 20\$ para os pobres do Barredo e mais 100\$ para o mesmo fim do assinante 21454. S. Romão do Coronado manda 200\$. A Sociedade de Rolamentos 250\$. Uma criada de servir 20\$. Mais 100\$ de uns que vivem muito apertados. Mais duas libras entregues na Capela de Nossa Senhora de Fátima a Emília. Das alunas do

AS NOSSAS OFICINAS

Tipografia atingiu a adolescência. A «Intertype», menina dos olhos do Júlio e dos compositores, veio dar mais consciência de si próprios aos que ali trabalham. A seu tempo, uma impressora automática há-de representar no aspecto material, a maioridade daquela nossa oficina. No aspecto material, digo, porquanto a verdadeira maioridade deve provir da plena consciência dos que ao tempo ali trabalharem. Agora só são rapazes nossos. Ainda se recorre uma vez por outra à experiência mais madura de um artista estrangeiro. Mas dão-se definitivos passos para a completa autonomia.

As nossas duas outras oficinas mais em contacto com o exterior permanecem em fase mais infante.

A serralharia afrouxou a marcha, que no verão passado chegou a ser bem veloz, pela ausência dos nossos leitores que gostam e gastam ferros forjados. Não prometemos a perfeição acabada. Não possuímos uma colecção muito vasta de modelos. Mas, do que temos visto de produtos standart que a moda do ferro forjado apresenta por aí, concluímos certa tranquilidade em nosso favor, porque nos anima seriedade e o gosto de permanermos fiéis à tradição artística da nossa ferraria.

Aqui em Paço de Sousa, começamos a dispor de um mostruário e de alguns catálogos. E executamos desenho que nos for fornecido.

Os leitores que gostam e gastam ferro forjado têm a palavra. Finalmente, são os teares. Estiveram parados dois ou três anos por falta de quem os zelasse. Agora temos um dos nossos rapazes que fez seu estágio prévio e é o nosso tecelão e até afinador das desafinações menos melindrosas. Temos outro aprendendo. Tere-mos outros para aprender. E, ao que parece, perspectivas boas de futura colocação dos nossos aprendizes.

Mas surge um problema. Não podemos manter trabalho contínuo sem realizarmos venda do pano fabricado. É que o empate de capital em algodão para tecer é coisa respeitável!

Temos já um bom lote de pano cru de 70cm. e de 90cm. e de sarja de 75cm.. O pano é bom, mesmo muito bom. Coisa preparada para uso caseiro.

Quem estiver para fazer ou refazer o bragal, tem aqui uma boa oportunidade.

Padre Carlos

Lar de Nossa Senhora das Graças, de Bragança, balões para os batatas. Costamos muito de brincar com eles e queremos que eles brinquem também. Ora aqui está uma pregação risonha da Lei de Deus. Aveiro prometeu e cumpre com 50\$ para um dos seus pobres. É a filha piedosa a segurar a saúde de sua mãe. Mais 50\$ para a viúva do «Verdadeiro sentido de bem fazer» e 20\$ para as Criaditas de uma pecadora. De uma Maria Manuela 50\$ e outro tanto de Alguém de Nampula. 150\$ do Estoril e 500\$, dádiva do pessoal da firma Polónio Basto. 22\$50 para Missa pelas melhoras de um amigo.

E até à primeira, se Deus quiser.

NO AMOR DE CRISTO

Continuação da primeira página

soubessem, não deviam ficar satisfeitas. O Pároco retirou-se. Diante de mim, a pobre sôzinha com Deus. Entre maravilhado e comovido, ouvi-lhe, então, como a desculpar-se, este programa formidável de amor: *amanhã volto ao hospital. Ainda tenho outro chale. Pois bem, se lá tornar a encontrar outra mulher assim, cobri-la-ei com o último que me resta.* Não respondi. Que podia dizer-lhe? Ela seguia o Mestre. Como Ele, amava até ao fim, sem medida. Calei-me. Restava-me só aprender.

Era no meu 4.º ano de Teologia. Cada seminarista, na sua semana, assistia à reunião da Conferência de S. Vicente de Paulo. Eram industriais e comerciantes os confrades. Notava-se neles a paixão pelos irmãos abandonados. Ardiam na caridade. Chegando o meu dia de visitar o pobre, acompanhei um vicentino de cabelos grisalhos. Àquela hora o pobre estava. Era no forro duma casa. Por cima, as telhas. Por baixo dos nossos pés, o travejamento. Eu ia para aprender. O meu companheiro em tudo o que dizia mostrava a inteligência e a prudência de quem está quase no limiar da Eternidade. Ao despedir-se, viram meus olhos a Novidade nunca vista. Estávamos no Tabor. Era agora o momento da Transfiguração. Como um Pai faz com o seu pequenino, assim o Vicentino. Tomou entre as suas as mãos do pobre e rezou com ele, devagarinho, o Pai-Nosso pelos benfeitores. No final, as últimas recomendações. E agora, a despedida. O vicentino tomou outra vez nas suas, as mãos do Pobre e beijou-as, repetidas vezes. E Ele tudo deixava, como se estivesse de mãos e pés cravados. Não são os pobres que devem vergar-se e beijar as mãos dos seus benfeitores? Diante do pobre, imagem mística de Cristo, nada mais há que ajoelhar e beijar-lhe as Chagas. Mas o mundo não compreende. Anda enganado.

x x x

Os chales manufacturados em Ordins têm sido muito procurados. A Mobil Oil Portuguesa envia-nos uma carta cheia de compreensão. Antes do próximo Natal, uns 6 a 7 meses, quero que lhe envie à amostra chales dos nossos. No último Natal, ofereceu aos filhos dos operários 90. Ora, se há mais tempo soubesse da nossa iniciativa, teria aqui feito a sua encomenda. Quere dizer: no próximo verão, terão estas pobres mulheres trabalho garantido. S. Pedro do Sul pede um dos pequenos, para depois fazer propaganda. Pontével um de 60 e outro de 90. Envia 10\$00 para o correio. Manteigas um de 110. O Lar do Gaiato de Lisboa, colaborando, pede chales, para lá ter como amostra. Penafiel deseja um de 90, para com ele fazer propaganda. É da Casa da Sagrada Família. Os vicentinos da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, querem 3 dos grandes para os seus pobres. Alvaizere encomenda um dos pequeninos. É para uma pastorinha. Um seminarista dos Olivais 4 dos pequeninos. Uma senhora de Lisboa volta com nova encomenda, sinal de que foi bem servida. Quere um de 90\$. Rans, para a sua Cantina Escolar, 14 de 90\$. Este grande amigo dos pobres veio propositamente a Ordins. Viu e encomendou. Achou-os seguros e

bons. A Figueira de Castelo Rodrigo, informa-se que são lisos. Para Moimenta da Beira um de 90, *quentinho e bom*. Argoncilhe comprou um e agora pretende outro, dos pequenos. Porto dois médios e um grande. Bragança envia 100\$ para um médio. Penalva do Castelo um de 60\$. Paço de Sousa um de 110\$. Braga um de 90\$ e outro de 110\$. Lisboa um dos pequenos. E, para prova de que os nossos chales já saem do Continente, Agores envia-nos 150\$ para um dos grandes. O pedido é feito do Aeroporto de Santa Maria, caminho para outros mundos. Castendo também quere 2 dos grandes e honrado. 200\$ da rua Actor Vale;

AQUI, LISBOA!

Continuação da primeira página

os vizinhos ingleses da Abelheira; 300\$ de visitantes que escondem o nome e 1.000\$ de promessa também anonimada. 200\$ de Cataguasis — Brasil e 50\$ dum doente para quem pedimos saúde e conforto do Alto. Um anel, de promessa, deixado no Lar; 50\$ *milagre de Luís*; 50\$ para os pobres da conferência do Lar; 100\$ com o mesmo destino. 40\$ através da Flama, cavados no fundo das minas de S. Domingos com o suor dum trabalho honesto e

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Do Bairro Santo, Lisboa, 300\$. Assinante 4.613, 15\$. Armanda Teixeira, 20\$. Assinante 2.164, 60\$. De um anónimo 20\$, *pedindo para não anunciar*. Assinantes. 29.783 e 29.784, 20\$ cada. Idem, 24.058, 35\$. Idem 8.297, 10\$00. Idem, 4.715, 25\$. Maria Emília Mendes, 50\$. Assinante 7.735, 10\$. De Lagoa, Algarve, 50\$. Joaquim Júlio Silva o do bro. De uma promessa, o mesmo, de Cacilda Dias. Do nosso amigo Dr. Alfredo Barata da Rocha, 100\$.

«Aqui vai este presépio pequenino. Tinha muito gosto que fosse para algum pobre da conferência. O pullover é também para um pobre vosso protegido e os escudos é para ajudar a consoda dos vossos protegidos. Se possível, pedia-vos uma oração pequenina, mas fervorosa para que o Senhor acuda a uma grande infelicidade que aflige um pai de família com 6 filhos».

Assinante 23.338 30\$ e do nosso amigo José Ferreira Botelho, 100\$, de cujas quantias o Carlos Veloso precisou «por via de pagarmos à mercearia o o atrazo em que andamos (a despeza do Natal e o atrazo em que andamos passam de 3.000\$)». Fizeste bem, Carlos. Aqui ou aí o dinheiro serve para o mesmo fim. Um cartão e «estes 20\$ é da Senhora Alice Pequena (cigarreira), destinados à conferência». De Mongão, 100\$. E mais 10\$ de algures. E o mesmo de Fernando. Assinante 6.308, 50\$. Por uma *intenção familiar*, 30\$. E, por fim, de A. F. o *costumado vale para a conferência*, 20\$. A todos, como habitualmente, os nossos agradecimentos.

JULIO MENDES

Pede-se aos nossos leitores para nas encomendas pedirem somente as cores aqui mencionadas: branco, beije, castanho, vermelho escuro, azul marinho e preto. Pede-se ainda o favor de mencionarem segunda cor no caso da primeira já se ter esgotado.

Os chales são lisos e medem em diagonal: grandes—1,90m; médios—1,67m; pequenos—1,39. Preços: 110\$; 90\$ e 60\$. Acresce a despeza do correio. Podem ver-se na Casa da Sagrada Família, em Penafiel, nos lares do Gaiato do Porto, Coimbra e Lisboa e na Casa do Gaiato de Setúbal.

Esperamos que os 50.000 leitores compreendam e continuem a bater à porta da Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins—Lagares (Douro).

P. Aires

Cantinho dos Rapazes

Estivemos ontem conversando longamente eu e o Quim. Impressões de trabalho e da oficina onde ele faz seu estágio. A disciplina nos serviços trá-lo admirado. Toda a gente está dez ou quinze minutos antes da hora, para ter tudo prestes ao começar. E, quando toca, as conversas param ao primeiro som da sineta e cada qual se dirige ao seu posto a trabalhar. Durante ele não se fala, senão o que próprio trabalho reclama. Acaba-se uma obra, outra logo se começa, sem pressas nervosas nem encosto preguiçoso. O despegar é dois ou três minutos após o toque dele. Só nesse momento principia a arrumação do material e ferramenta.

No primeiro dia Quim deixou o chapéu de chuva num lugar qualquer. Ao sair não o encontrava. Disseram-lhe onde o tinham posto, porque «ali há lugar para todas as coisas e cada coisa deve estar no seu lugar».

Quim observa e espanta-se. Não tem sido entendida assim a disciplina no trabalho, na nossa aldeia. É certo que os visitantes se admiram, sobretudo pelos serviços prestados pelos pequenitos e, relativamente, são estes os que trabalham mais; porém, a verdade é que se olha muitas vezes para o trabalho, mais como causa da pena a suportar pelo pecado de Adão, do que como um de melhores meios de nos redimirmos.

Falámos mais. Soube que os patrões entram também dez a quinze minutos antes da hora e lá ficam ainda quando os operários vão ao seu descanso. Que trabalham ali, lado a lado. Que almoçam ali ao pé dos empregados. Por isso a disciplina no trabalho e o bom ambiente moral que se respira lá. O exemplo vem de cima. E quando vem é sempre eloquente e produz seus efeitos.

Nós andamos cheios de casos tristes que são o reverso deste que traz espantado o Quim.

Há dias fui solicitado a prestar informações de um que foi nosso, por empresa onde ele pretende empregar-se. O rapaz é artista mas nunca olhou o trabalho a sério. Na oficina onde por duas vezes trabalhou chamavam-lhe o «palhaço». Foi despedido; passou muita miséria; tornou a empregar-se. Enquanto durou a lembrança da miséria o comportamento foi regular. Mas ele não tinha hábitos de disciplina... Julgou que a situação estava conquistada e era definitivamente sua. Voltou a ser «palhaço». Voltou ao desemprego e à miséria.

Agora pedem-me que diga dele. O quê, hei-de eu dizer?

Espera-se, pois, que a experiência infeliz de alguns seja argumento convincente para outros. E que o espanto do Quim não se repita com mais ninguém, quando vier o tempo de trabalhar fora dos nossos muros.

PADRE CARLOS

VISTAS DE DENTRO

O diabo sabia e saltou-lhe ao caminho. E «Pombinha» resolveu não dar cavaco de pertinho de quinhentos escudos. Como quem tem dinheiro tem amigos e cons-

(Continuação da 2.ª página)

tou bem depressa a sua fortuna, logo apareceram sócios sem capital a participar dos lucros. E «Pombinha» não voltou à escola, para jogar bilhar e ir ao cinema, mais ao restaurante. Financiou empresas de antemão falidas.

Ficou sem dinheiro, sem algumas ilusões, talvez com o seu caminho, tão bem encetado, perdido de vez. Por causa da cidade. Por causa do dinheiro. Por causa dos amigos.

Quando se compreenderá que a gorgeta a um rapaz de 16 anos não é um bem que se faz, mas um perigo que se lhe oferece?

Deus permita que a experiência triste agora feita e a cura em Paço de Sousa lhe restituam aquela candura que o seu apelido simboliza: «Pombinha».

PADRE CARLOS

PRESENÇA

(Continuação da 1.ª página)

da sua Fé. A Caridade é o meio de realizar a Justiça.

E quando, enfim, a Justiça for realizada, a vida dos homens é Caridade. Ela é o fim.

À Justiça, pela Caridade—eis o programa do homem da Cidade terrestre.

Da Justiça à Caridade—eis a consequência eterna na Cidade Celeste.

Alma de fora, que não és mesquinha por natureza nem amesquinhada por paixões e vives na inquietação de afirmar, escuta: Deixa lá os homens a deformar o Infinito na sua pequenez. Não os olbes. Olha a Igreja e ouve a Verdade de Cristo que ela guarda e ensina desde Pedro a Pio e é justamente aquilo que Agostinho diz.

PADRE CARLOS

LEIA E PROPAGUE

“O Gaiato”

PADRE ADRIANO

PAÇO DE SOUSA

— O nosso jornal, que se lê em todo o Portugal, colónias, ilhas e estrangeiro, anda empenhado na Campanha dos Cinquenta Mil Assinantes. Temos presentemente uma tiragem de 42 mil e esperamos atingir dentro de breve tempo a cifra citada. Desejamos que o nosso jornal entre em todos os lares portugueses. O nosso fim é nobre, fazer Apostolado.

A nossa obra revolucionária, que tem conquistado milhares de admiradores de todas as camadas sociais não só levanta os desprotegidos da sorte, isto é, arranca rapazes à imundície, prega também o Cristo crucificado. Aquele que por nosso amor derramou seu sangue no humilde madeiro do Calvário, no cimo do monte Gótsmani e que por nós é constantemente ultrajado.

— Entre na cozinha. Estava o *Caraça* (cá na casa é tudo por apelidos) com uma mão dentro do forno do fogão e outra metia qualquer coisa à boca.

— Entra a Senhora da cozinha:

— Que fazes aí?

— Oh minha senhora, estou a fazer a limpeza.

— Ai o maroto! Não querias mais nada, hein?!

— Dessas limpezas ninguém se importa de fazer!

Não foi tolo nenhum, não! Para a próxima não vai faltar quem diga: *Quem tem uma navalha?*

— O Grupo Desportivo defrontou ontem um grupo de Vila do Conde, tendo-o derrotado por dez bolas a zero. A conta só não se pronunciou mais devido aos nossos rapazes não se terem empregado a fundo. Fazemos um acto de inteira justiça ao salientarmos a correcção posta na luta pelo nosso digno adversário. Muitos obrigados pela visita e não se assustem com a conta, pois em desporto não há lógica. Tudo pode acontecer.

— O nosso GRUPO CÉNICO está em forma. Depois da última exibição no nosso salão de festas, já temos convites para nos deslocarmos à vizinha freguesia de Cete e a Beire, onde é o Calvário. Temos pouco tempo para ensaiar, mas vamos fazer o possível para não ficarmos mal, livrando-nos assim das *bataças*. O nosso grupo não costuma fazer má figura!

Vamos fazer a chamada, atenção:

Em cima duma pianha está:

— *Daniel Borges*.

Mais ao lado, de chapéu de coco:

— *Cândido Pereira*.

À esquerda vimos:

— *Eng.º António Machado*.

Logo à beira:

— *Valdemar Soares* — o homem da

BEIRE

— É a primeira vez que escrevo aos nossos leitores, por isso se me saí mal não é de admirar.

Vimos de Paço de Sousa no dia do SS. Nome de Jesus começar os trabalhos da nossa quinta. Nós somos oito. Eu e o *Marreco* no campo a fazer gaivas para plantação de vides. Ratinho na erva e a tratar do gado. Bártolo com o tractor. Os mais pequeninos a fazer o nosso tacho. O Américo tem a sua conta migrar as couves para as galinhas, porque mais ainda não pode fazer. A casa em que habitamos está concluída. A capela quase pronta. O casal agrícola também. As outras casas vão-se erguendo conforme se pode. A quinta é muito grande e nós andamos tristes por não termos uma bola, nem um rádio, para nos entretermos à noite e aos domingos.

Até andamos atrás do Sr. António que é o nosso carpinteiro a ver se nos faz um carro com quatro rodas para andarmos no vai e vem da nossa avenida. Por isso peço aos senhores mesmo que sejam velhas, a gente cá arranja. Os pobres de Beire já sabem onde fica a nossa casa. Um velhinho abandonado da família que vive numa barraca onde nem o lume pode acender, vem cá todos os dias jantar e o Pai Américo vai-lhe fazer uma casinha na nossa quinta. Outra velhinha muito doente também nos visita muitas vezes. Se por acaso os senhores por aí tiverem alguma roupinha e a quiserem enviar é só escrever para a Casa do Gaiato de Beire — PAREDES.

Com isto vou terminar, desejando a todos muita saúde e até de hoje a quinze dias.

SERAFIM EMANUEL

TOJAL

— Já estou longe de Coimbra, onde estive a passar férias, junto dos meus, mas trago ainda no coração a saudade de quanto por lá vi. Faz bem, voltar de quando em vez ao ninho paterno. Filhos pródigos que somos, sentimos a nostalgia dos pais.

Faz-nos bem vê-los quando cristãos, uma palavra sua é para nós força e estímulo.

Muitos foram a casa e regressaram já, alegres e satisfeitos. O Paulo por não a ter foi estar uns dias com pessoas amigas. Quando brincava com um rapaz da sua igualha, este perguntou-lhe:

— Que fazes tu lá na Casa do Gaiato?

— Esfrego as camaratas e limpo os talheres.

— Mas isso é trabalho de meninas!

— Pois sim, lhe respondeu o nosso Paulo — mas se tu não tivesses mãe fazias como eu. Resposta bem dada e que fez chorar o companheiro.

— Mas eu venho aqui sobretudo para manifestar os meus agradecimentos aos amigos desta casa do Tojal, por tudo quanto nos têm mandado. A Sociedade Frigorífica exportadora, tem sido incansável em ofertas. Ele tem sido peixe, frutas secas, figos, nozes e mais que já lá vai. Alguém aqui de perto também muito nos tem ajudado e desde a primeira hora. Pelo Natal, além da farinha e da abóbora para as filhós, mandou-nos dois sacos de grão e duas ovelhas.

— Têm caído muitos na cama com a gripe. Gripe passageira. A noite é vê-los a chorar que lhes dói a cabeça, mas pela manhã cedo lá saem da cama como se nada houvesse.

O nosso *Chela* caiu já na cama como os outros.

— Que tens tu, pergunta-lhe alguém.

— Doi-me a febre.

— Mas agora já não lhe dói

— Fizemos já as sementeiras do trigo, da ervilha, das favas e da plantação das couves...! E não tarda muito que entre o faval já crescido surjam as cabeças de alguns a roerem o fruto proibido.

As laranjas já nos estão a dizer adeus mas ainda temos algumas, que vamos comendo às refeições.

— Ultimamente o Senhor Padre Adriano tem incutido em nós o sentido da responsabilidade, colocando-nos mais à frente do governo da casa. Temos um chefe. É o Gouveia. Ele tem a chave do cofre, tudo dirige, marcando trabalhos e obrigações, e por ele todos chamam quando alguma coisa não está bem. Já não se fazem queixas ao Senhor Padre Adriano, é ao Gouveia. Além deste, há outros chefes.

Um no casal Agrícola, que olha pelas limpezas daquele, e pelo bom tratamento dos animais e da criação. É o Oscar. O Lapas dirige as limpezas da Casa mãe. O Beja é chefe dos médios. Outros têm cuidados de coisas de menor importância. Eu tenho a meu cargo a escrita das obras. A casa é nossa. Nós velamos por ela e na medida do nosso zelo, tudo irá bem. Reunimo-nos semanalmente e combinamos o trabalho, corrigindo defeitos encontrados.

João de Deus M. R. Assis

LAR DO PORTO

Para já temos as eleições que foram no dia 8 de Janeiro, a que assistiu o Senhor Padre Carlos e Senhor Alberto.

Antes de fazermos a votação, o Senhor Padre Carlos falou na grande responsabilidade do chefe, e dos votantes que deviam eleger um chefe digno de manter o respeito na casa.

No fim de ter falado o nosso superior, fizemos a eleição de que saiu folgado o Manuel Henrique (Hélio) com 19 votos, seguido do Roque com 13 e Joaquim F. Mendes 2; ficando a ser estes os chefes do Lar. No fim disto houve um porto de honra e bolo-rei, que durava ainda do Ano Novo.

A este nosso colega felicidades, e que ponha as suas faculdades no cimo de tudo; se isto acontecer, estou certo que não haverá dificuldades no seu novo cargo.

— No Natal fomos consoar com os nossos irmãos de Paço de Sousa. Durante o jantar houve sempre grande animação entre todos.

No domingo, como não tínhamos nada com que nos entreter, os nossos colegas visitados resolveram que entre nós fizessemos um desafio de futebol. Jogamos desfalcados de três elementos e eles eram um misto de reservas e primeiras. Vencemos por 7 a 3 resultado que não condiz com o domínio exercido por nós, pois mantivemo-nos sempre ao ataque. Mais também parecia mal, não acham?

— Já que falo em desporto quero agradecer à Associação de Futebol do Porto, pela atenção que nos tem dispensado. Obrigado, pois.

— No dia de Natal distribuímos pelos nossos pobres a consoada já tradicional. Todos os nossos pobres vieram a nossa casa buscar a consoada. Sempre que era um atendido vinha sempre a alegria estampada no rosto, por ter que comer para esta noite e guardar um bocadinho para os outros dias. Pena é que os nossos amigos não se lembrem de nós pois assim podíamos dar sempre mais e estarem os nossos irmãos pobres saciados da fome. Vamos lá ver se a conferência do Lar do Porto não é esquecida.

— Recebemos das confeições Gentleman meias, cuecas, e camisolas de dentro. A estes nossos amigos um muito obrigado e que Deus os ajude para podermos contar sempre com eles.

— Veio de Paço de Sousa há tem-

Um a um, lá foram recebendo o que lhes pertencia, ao mesmo tempo que da boca de cada um se ouvia fra-



Manuel Henrique (Hélio), Chefe do Lar do Porto, eleito por 19 votos.

ses de bela e feliz recordação! Não sei qual das coisas será mais bela, se a alegria do pobre em receber, se a nossa em podermos dar. Talvez que este místico «eu dou e tu recebes» se possa confundir numa só: a de ambos recebermos! Eles o seu óbulo; nós hinos de amor, palavras chocantes, lições que tomamos e nos servem à maravilha para nos estruturarmos e sermos melhores. São momentos belos que só o Divino os saberá compreender. A felicidade de quem dá é a felicidade de quem recebe!

Como sempre, nesta altura estamos na situação de caloteiros! São a mercadoria a berrar, os senhorios e sei lá que mais, mas apesar deste berreiro, nós mandamos executar, e distribuímos, e só depois procuramos alguns amigos a quem dizemos da nossa desdita. Somos uns continuadores da doutrina do nosso Pai Américo:

dai sempre que o dinheiro chegará! Resultado? Crangemos sempre o bastante para pagarmos os «calotes» mais a despesa do Natal. O ano passado foram precisos 4.000\$00, este ano as coisas ficaram mais ou menos pelo mesmo caminho.

Deus é grande e não desampara aqueles que confiam nEle.

A todos quantos contribuíram para o bodo do Natal, Srs. Emílio de Azevedo Campos, Delfim Ferreira, Afonso de Magalhães, João Silva, José Ferreira Botelho, Cruz, Sousa & Barbosa, Confeiteiros Universal (sempre tão atencioso este Senhor), Costa Moreira e Sr. Albino e ainda muitos outros que nos mandaram lá ir no fim do ano, a todos que enviaram para o Lar do Porto, como uma Portuguesa, funcionários da Fiat Portuguesa, I. Garcia com diversos géneros, assinante n.º 7.047, Celestino Mota Mesquita, Maria Amélia e José de

PELAS CASAS

A senhora da cozinha não perdoou e a cana do *Sejaquim* teve de trabalhar... Tão cedo não fica com vontade de fazer mais limpezas!...

— Ontem o Rocha II que tem também o apelido de *Sousa das fotografias*, fez anos. Como tal, a senhora da cozinha mandou-lhe um prato com doces a que ele chamou um figo. Ficou muito contente e começou a afinar o seu rival, que é o *Frangueiro* Joaquim de Brito, por não ter nada.

Este calou-se com o jogo e foi pela calada dizer à senhora que também fazia anos e esta caiu com novo prato. Depois é que foi gabar! Que não fazia anos, teve um prato melhor que o dele e ainda por cima *levou a senhora ao cebo!* Ora aí está como elas se armam, como a senhora é enganada e como para outra vez os anos serão festejados com os cumprimentos das colegas e viva o velho!...

— Tudo o que se passa de novidade nas nossas oficinas gráficas é à volta da máquina de composição mecânica.

Toda a minha gente a rodeia. Todos querem ver e perceber o seu funcionamento. O Júlio é que tem de andar a enxotar todos os curiosos, senão não se fazia nada.

A máquina teve uma avaria. Vem o mecânico Senhor Seixas. Num simples olhar a dita é reparada. Dizem os rapazes uns para os outros: *a máquina até fala!*

Pai Américo entra e está que tempos a admirá-la: *Que engraçado. Que máquina curiosa!*

O que ele mais gosta de ver é o braço que vem buscar as matrizes ao cabeçote e as transporta ao distribuidor para darem entrada no armazém: *Pronto, já está! Não se mete com ninguém. Só vem na altura precisa. Quando o braço vem abaixo: Lá vem o milhafre!* A primeira coisa que diz quando entra nas oficinas: *O Milhafre está a trabalhar bem?*

— Muita algazarra. Muita alegria e um grande grupo de pessoas fora. Um verdadeiro arraial. Pelo meio disto tudo, gargalhadas de satisfação. O mesmo ia engrossando e nós não ficamos indiferentes. Passamos logo também a fazer parte do rancho. Era o *Papagaio* com as suas pantominas. Um chapéu de papelão, com umas abas desproporcionais, um lençinho à toureira, uma viola sem cordas e toca a começar o circo. Era um pagode. Quem mais se ria era o senhor Rui Cunha que aqui esteve uns dias tendo conquistado a amizade da rapaziada. Era um ótimo divertimento, pois a malta gosta muito destas palhaçadas!...

— Estávamos na escola a fazer uma redacção. Redacção difícil. Todos torciam o nariz e quase todos se abstiveram de a fazer. O *Espanhol* como não sabia por onde lhe pegar, o que fez?

— Quem tem uma navalha? Começa a perguntar. Já sabia que ninguém possuía, mas foi correndo todas as carteiras, mira aqui, mira acolá, apanhar as melhores frases e a fazer a redacção. O mais engraçado é que ele fez isto sem ninguém se aperceber do caso e lá se foi safando...

voz de vidro! Cautela, não atirar com objectos duros!

À boa vida:

— *A. Reis* (O Sousa das fotografias)

Tem como seu ajudante:

— *Alberto Fonseca Ramada*.

Finalmente a ver os outros trabalhar, está:

— *Augusto Barroso*.

Não pode faltar também, com um bolso cheio de notas... de música, o Maestro Ponta Esquerda:

— *Sr. Joaquim Monteiro*.

Ora aqui estão os componentes do nosso grupo. Ora faça o favor de por os óculos e veja!

— O primeiro prémio dos presépios foi ganho pelos da casa três, primeiro andar. De facto foi merecido. Estava muito simples e muito bonito. Logo a seguir foi o da casa quatro, segundo andar. Estava muito engraçado e foi feito pelos mais pequenitos. Foi este o único que rivalizou com a casa três.

No andar cimeiro foi distinguida a casa feita pelo sapateiro Tomaz, que mostrou ter inclinação para a engenharia. Levou instalação eléctrica e até um lampião feito de papelão, tinha a respectiva lâmpada. Parabéns aos vencedores e ao Tomaz.

— Barulho, gritos, assobios, bater de palmas, *marão* a ladrar, um ruído pela avenida acima. Era o tractor, Bártolo ao volante e sacos em cima. Parou no largo da Casa Mãe. Mal Bártolo se ausentou, toda a gente era motorista. O claxon andava numa fona. Eh pá! Aí vem o Bártolo de fuero! Era só quem quisesse vê-los a dar à perna!

A rapaziada ao longe divertia-se com a fúria do Bártolo. Isto é que são uns tártaros!

Mas o pior é quando este os apanhar a jeito e lhes der alguma apertadela de papo!

— Pai Américo foi à Madeira por causa do Património dos Pobres—fogo que atea Portugal inteiro, para bem de todos. Na sua companhia foi o Joaquim Bonifácio, presentemente o «tipo» da queda. Aquilo é que vai ser meter água, ou não fosse ele de barco.

Costa bastante de gozar cá com os patricios, mas desta vez parece-me que se vai sair mal, pois não faltam ensaiadores e a coisa parece-me que desta vez vai dar que falar...

Esperemos e depois não falta que contar!

— Parece-me que colou a moda dos óculos. Agora tudo sofre da vista! E são logo os mais «tirone». *Eles mandam chover...*

Há outros que parecem autênticas «carochas», mas lá na ideia deles são os melhores do mundo. O Agostinho, não conhecem?, aquele que viu o Napoleão em Penafiel, até fica com eles na cama. Ainda também outra coisa: fica também com o relógio no pulso. Isto é de facto ser «tirone» a valer. E eu a julgar que era para não lhos tirarem!...

Até à próxima. Se despede de vós o amigo sempre ao dispor,

DANIEL BORGES DA SILVA

... DO GAIATO

pos, um porco para ser morto cá, de maneira que já estava bem gordo, e foi deitado abaixo no dia 2 de Janeiro. Para isso foi preciso alguns rapazes levantarem-se às cinco horas da madrugada. Como não o podíamos matar cá fora por causa do barulho, foi morto na cozinha. De maneira que os que estavam na cama acordaram e correram a ver. Vamos lá a ver se comemos uns petisquinhos às refeições.

— Agora para terminar, queria ver se os nossos amigos nos podiam enviar alguns livros para a nossa biblioteca que está completamente vazia.

João Luciano (Buarcos)

CONFERÊNCIA — Tal como nos anos transactos, fizemos distribuir pelos nossos pobres e por muitos outros, um bodo onde não faltaram o belo bacalhau, azeite, batatas, arroz, açúcar, massa, feijão, café, sabão, cebolas, cacete e uns escudos, para que todos tivéssem um Natal alegre, feliz e muita alegria. E foi com sã alegria que 30 famílias compareceram no Lar do Porto a receber a sua consoada, distribuição que variava conforme o número de pessoas que compunham o agregado familiar. Antes, duas palavrinhas apenas; que ao menos nesta quadra rezassem pela saúde do nosso Pai Américo.

Carvalho, da U. E. P., etc... vai para todos o nosso mais sincero agradecimento, os desejos que tivessem passado um Natal Feliz e desejos de um Ano Novo cheio de prosperidades, muita saúde e bons negócios.

Obrigado e que Deus lhes pague.

Carlos Veloso da Rocha

O «Famoso» em Espinho

É a primeira vez que escrevo para o nosso jornal, por conseguinte, desde já peço desculpa, se a minha crónica for um pouco errada.

Antigamente eram dois, agora só eu. Sou de lá e tenho muita honra em o ser, pois é uma linda vila.

A venda de «O GAIATO» nesta linda terra que é Espinho, está um pouco baixa. Peço aos meus estimados leitores para comprar, ler e propagar o nosso «Famoso».

Ando com desejos que isto chegue aos 300 jornais, pois vendo somente 110 ou 120, mas estou a ver que não. No verão consigo vender 220.

De hoje a quinze já se houve a minha voz: «Jornal o Gaiato!» Recebam cumprimentos do gaiato amigo,

Alberto Ramada